

Dar a voz

Por Leno Veras¹

"Me aguente" é o que se lê na bandeira hasteada por Júnior Pimenta na sala expositiva do Centro Cultural São Paulo: em preto e branco o artista finca seu grito, bordado em nylon como desfecho da jornada do visitantes à sua mostra. Este brado humano ecoa, silencioso, pelos vãos da arquitetura brutalista deste que é um dos espaços públicos ocupados com maior diversidade em meio à selva de pedra pela qual derivamos.

Território de convergência de múltiplos e diversos fluxos humanos, sobretudo com vistas à sua diversificada ocupação, esta megalópole é costurada cotidianamente pelas trajetórias de seus habitantes, sejam residentes ou transeuntes, por entre convergências centrípetas e centrífugas cujos movimentos constituem a única característica imutável deste organismo vivo, que é a de sempre tornar-se distinto de si mesmo, erigindo desconstrução.

Consolidada como uma das maiores megalópoles do planeta, esta polis é composta por distintas camadas de geografias e histórias, na qual arqueologias e genealogias encontram matéria para suas escrituras, pelas quais é possível reconhecer, como que em um corte estratigráfico, uma série de sobreposições. O artista, como que em missão científica, coleta amostras da ocupação dos homínídeos que aqui resistem - sinais de vida.

Reconhecida como uma miscelânea de culturas, São Paulo, como conglomerado urbano, experimentou um dos mais intensos crescimentos do mundo no século XX, o que acarretou graves consequências com quais a sociedade se confronta hoje em seu cotidiano, desde a insuficiência hídrica à poluição aérea, passando por muitos outros temas referentes à complexidade social como questões ou habitação popular ou saúde pública.

A cidade concentra situações extremas que convivem - como reiterado no título de uma de suas obras cinematográficas mais célebres - em uma "sinfonia da metrópole", com suas riquezas e pobreza em convergências dissonantes, a partir das quais as lógicas de interrelação entre centro e periferia se articulam, sendo a pulsação das vias sempre oxigenada pelos muitos transeuntes que circulam nesse sistema vital.

A decisão de refletir sobre a natureza deste mosaico social espaço é a tônica desta intervenção imagético-textual - decerto uma acertada pontuação

do discurso constituído pelo conjunto de trabalhos que contextualizam a migração como corte interseccional por meio do qual sua poética engendra uma dinâmica de convergência e divergência. De nordestinos a bolivianos, de haitianos a coreanos, são tantos os que aqui ecoam vozes.

Ao questionar a hipótese de centralidade que a história oficial atribui ao território em que a exposição se insere, tendo em vista a multiplicidade e diversidade de fluxos que atravessam esta geografia, sua obra debate a constituição da lógica de centro e periferia, trazendo à tona indagações a respeito das políticas migratórias ao pôr foco na demarcação de fronteiras físicas e de identidades fixas como dinâmicas geradoras de diferença.

A cidadania como uma condição ameaçada pela dinâmica social da urbanidade contemporânea, distanciada de uma ética do comum e impregnada pela desigualdade, é demarcada como utopia abandonada por meio do paradoxo que a série "Mal-vindos" sintetiza - encontramos no conjunto de capachos de boas-vindas, por meio do qual subverte-se a lógica da acolhida, falas xenófobas como "Vá em frente, volte para casa!".

Tais berros atravessaram as paredes do espaço expositivo e elucidam o caráter de urgência de uma responsabilização direta da sociedade civil, para além de simbologias e representações, que é preciso adotar na luta contra a retomada conservadora engendrada por grupos que ignoram que a migração - inclusive, e sobretudo, a forçada - foi o principal processo formativo desta que ainda é uma das maiores democracias do globo terrestre.

Dar a ver

Em um país fundado por uma colonização sanguínea, cujos alicerces foram o etnocídio dos povos indígenas e a escravização das populações africanas, é imperativo nos questionarmos acerca do *status quo* do migrante no contexto contemporâneo; posto que, a priori, é somente aos habitantes originários de soberanias pré-brasileiras que a noção de pertencimento territorial poderia, de fato, aplicar-se.

Entretanto, tendo em vista a complexidade dos fluxos migratórios que aqui convergiram, sobretudo desde meados do século XIX, é possível, além disso, atentar à condição de interculturalidade e multilinguismo que instaurou-se no país, como resultado de um entrelaçamento de violências e silêncios cuja trama enreda um capital simbólico singular - eis a identidade brasileira em seu complexo devir.

Advindas de uma multiplicidade de origens e, por conseguinte, ocasionadas por razões que vão desde o genocídio, no caso de judeus e armênios, como exemplos, até cataclismos naturais, como no dos nordestinos com a seca ou no dos haitianos com os terremotos, as correntes de migrantes compõem um quadro complexo que materializa a multiplicidade dos processos geopolíticos de exclusão.

A cosmópole paulistana, alegoria desta civilização, foi erigida, portanto, como uma Torre de Babel calcada no trabalho árduo daqueles cujas esperanças se depositam em sobreviver à guerra e à fome, entre tantas outras situações dilemáticas. A dinâmica das torrentes de refugiados que aqui aportam sempre foi de persistência histórica, de verdadeira supervivência, por meio das quais estes indivíduos afirmam-se como sujeitos.

A obra "Refúgio", de Júnior Pimenta, simboliza este drama humano com o cuidado e respeito necessários, sem ausentar-se de intervir no atual panorama nefasto de exacerbação da diferença como demarcação de identidade: um telhado composto por uma peça só enuncia a precariedade da condição que se apresenta como abrigo - não sendo capaz de acolher os que buscam vida, como poderei conviver comigo mesmo?

¹ Leno Veras, curador independente pesquisador, professor e editor.